

**Remanso, tradição e memória:
um projeto de fotodocumentação da Comunidade de Nazaré-RO¹**

Jeovana Jully Rodrigues TELES²
Leylianne Alves VIEIRA³
Universidade Federal de Rondônia - Unir

RESUMO

O projeto de extensão “FotoDoc - Laboratório de Fotografia Documental”, realizado na Universidade Federal de Rondônia (Unir) desde fevereiro de 2025, tem como objetivo fotodocumentar saberes e manifestações culturais de comunidades tradicionais da Amazônia. Este artigo apresenta os primeiros movimentos da pesquisa na comunidade ribeirinha de Nazaré, localizada às margens do Rio Madeira. O projeto tem como foco a documentação da memória, do cotidiano e dos modos de vida, além das relações da comunidade e suas manifestações culturais, tais como a dança Seringandô, o Grupo Minhas Raízes e o papel da mulher nos movimentos que resultam no Festival Cultural de Nazaré. Foram realizados os contatos iniciais e tomadas as primeiras imagens.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia documental; memória; cultura; Festival Cultural de Nazaré; Seringandô.

Introdução

O projeto de extensão “FotoDoc - Laboratório de Fotografia Documental”, desenvolvido na Universidade Federal de Rondônia (Unir) desde fevereiro de 2025, tem como objetivo geral identificar e documentar ofícios tradicionais e, posteriormente, disponibilizar o acervo à comunidade. Com isso, o projeto visa fortalecer a cultura e a memória local e divulgar a diversidade cultural de Rondônia. Além disso, o projeto também busca desenvolver habilidades fotográficas nos estudantes de Jornalismo e disseminar esse aprendizado para a comunidade regional⁴.

¹Trabalho apresentado no IJ06 – Comunicação e Interfaces, evento integrante da programação do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória–ES. De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial).

²Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo – Universidade Federal de Rondônia (Unir). E-mail: jeovanajully@gmail.com.

³Docente do Departamento Acadêmico de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Doutora em Comunicação. E-mail: leylianne.alves@unir.br.

⁴Está em articulação a oferta de oficinas de fotografia em comunidades periféricas e marginalizadas da cidade de Porto Velho.

A partir de discussões coletivas sobre conceitos como fotodocumentação, cultura, identidade e memória, o grupo formado por dois docentes, duas discentes bolsistas e três discentes voluntárias buscou compreender as atividades locais que refletem características históricas e culturais da região. Na fase inicial do projeto, o grupo identificou atividades que foram distribuídas em quatro categorias, como mostra o Quadro 1:

QUADRO 1 - Catalogação de atividades com potencial para fotodocumentação

CATEGORIA	ATIVIDADE	CARACTERÍSTICAS
Trabalho	Pesca	A pesca tradicional é característica das comunidades ribeirinhas.
	Coleta de frutas tradicionais	Especialmente na zona rural de Porto Velho há a coleta de frutos como açaí, cupuaçu, pupunha e tucumã, que posteriormente são comercializados em feiras locais.
Culinária	Produção de farinha	As produções de farinha e tucupi estão interligadas. O tucupi é feito a partir de um líquido extraído no processamento da mandioca para a produção de farinha.
	Produção de tucupi	
	Peixe seco	O pirarucu seco também é conhecido como "Bacalhau da Amazônia". No processo de preparo o peixe é limpo, retiradas as escamas e vísceras, e cortado em postas. Em seguida é espalhada uma generosa camada de sal e os peixes são colocados para secar por cinco dias ao sol.
Festividades	Festival Cultural de Nazaré	O Festival Cultural de Nazaré acontece há mais de 50 anos no Baixo Madeira. Reúne dança, culinária e outras expressões da cultura local. As danças que compõem a festividade são o serigandô, a quadrilha, o carimbó, o boi curumim e outras.
	Quadrilhas juninas	As festas juninas de Porto Velho congregam quadrilhas de rua e bois bumbás. Em Porto Velho acontece o Arraial Flor do Maracujá, maior festa junina da região Norte do país.
	Boi Bumbá	
Arte	Serigandô (dança)	Dança centenária realizada exclusivamente na comunidade ribeirinha de Nazaré.
	Artesanato com sementes	Na região há a produção de biojoias a partir de sementes de frutos como o açaí e o tucumã.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Após a catalogação, foi iniciado o contato com moradores e representantes das comunidades. Essas conversas se mostram essenciais para a compreensão da comunidade a partir dos olhos das famílias que a constituem. O projeto busca conhecer

a comunidade no seu cotidiano, observando o modo de vida, as relações comunitárias e os espaços simbólicos que permeiam e constituem a identidade ribeirinha.

Na imersão etnográfica, segunda etapa da fotodocumentação, são organizados detalhes como datas e logística para que a imersão conte com entrevistas em profundidade que contribuam para o conhecimento das realidades vivenciadas pela comunidade. As entrevistas também contribuem com a construção do acervo fotográfico. Objetivamos documentar o cotidiano, as relações e os afetos que compõem o universo simbólico da comunidade.

A fotografia documental, no contexto do FotoDoc, não se limita a uma prática estética ou técnica, mas constitui um instrumento simbólico para escutar e documentar histórias que possam estar esmaecidas pelos grandes centros e as suas narrativas. Entende-se que é necessário compreender essas pessoas enquanto comunidade para que a vida cotidiana seja revelada a partir do olhar da própria comunidade. “A fotografia atua como relicário da memória, pois é o que permanece após a deterioração dos objetos e o envelhecimento das pessoas” (Kossoy, 1999 apud Felizardo; Samain, 2007, p. 208).

Diante deste contexto, neste trabalho apresentamos os primeiros passos do projeto de documentação das atividades encontradas na comunidade de Nazaré. Para além do Festival Cultural, lá existem pescadores, produtores de farinha e tucupi, grupos de música e dança e uma forte ligação com comunidades indígenas e quilombolas.

A comunidade de Nazaré

Localizada a cerca de 120 quilômetros de Porto Velho-RO, a comunidade ribeirinha de Nazaré se destaca por sua rica tradição cultural e trajetória marcada pela resistência. A comunidade é acessada exclusivamente por meios fluviais e possui modo de vida profundamente conectado ao rio e à memória coletiva. Conforme aponta Norberto (2020), a oralidade e os mitos locais desempenham um papel fundamental na construção da identidade sociocultural da comunidade.

Há aproximadamente sessenta anos, Nazaré realiza um festival cultural que é constituído por saberes e práticas tradicionais, sendo a dança Seringandô, uma das expressões mais simbólicas do evento e que está presente na história da comunidade desde a sua formação.

A escolha da comunidade de Nazaré como um dos pontos de partida para o

projeto FotoDoc está fundamentada em múltiplas camadas de significados que se entrelaçam: território, oralidade, memória e gênero. Esses elementos formam o que Castells (2000) conceitua como identidade relacional, construída a partir da interação com o lugar e com o outro. A identidade ribeirinha de Nazaré, portanto, não é uma incorporalidade fixa, mas um processo de constante reinvenção, que se alimenta da memória, das tradições, da natureza e das práticas simbólicas cotidianas.

O conceito de identidade, especialmente em comunidades tradicionais, envolve uma compreensão que vai além da definição clássica de pertencimento. Hall (1997) destaca que a identidade é uma construção social que opera por meio da diferença. Essa lógica é visível nas práticas culturais de Nazaré, onde a dança do Seringandô, o Grupo Minhas Raízes e o trabalho das mulheres não apenas constroem o que os moradores são, mas também delimitam o que não são.

A relação entre oralidade e identidade se expressa fortemente na tradição dos mitos locais, como o relato sobre o lago Uruapiara, origem da dança Seringandô, que foi resgatado por Thaís Passos a partir da fala de seu avô, Maciel. A narrativa se inscreve no que Norberto (2020) chama de “contradiscurso”, histórias que resistem à lógica dominante e recolocam os saberes ribeirinhos como legítimos. A dança do Seringandô, como um misto de tradição, ritmo e sua conexão com a história de fundação da comunidade, reforça esse pertencimento ancestral. Trata-se de uma dramaturgia simbólica que sustenta os valores locais e que vive em toda a comunidade.

Maciel conta que o nome "Uruapiara" foi dado pelos portugueses quando chegaram naquela região. Segundo o que se conhece da história, durante um dos primeiros passeios, os portugueses passavam pelas praias do lago e encontraram um "uruá" (animal parecido com um porco-do-mato) enorme, maior do que qualquer outro que já tinham visto por ali. Acharam que aquele animal era o "chefe" dos uruás. Por isso, deram ao lago o nome de Uruapiara, que significa "o lugar do grande uruá".

Nas margens desse lago vivia um povo indígena chamado Parititins, conhecido por ser guerreiro. Eles pescavam no Rio Ipixuna, um afluente (rio menor que deságua no lago). Mais acima desse mesmo rio, estava localizada outra aldeia indígena, os Pirarãs, inimigos dos Parititins. Eles viviam em guerra.

Sempre que uma dessas aldeias vencia uma batalha, eles escolhiam uma noite de lua cheia para comemorar. A principal atração da festa era a dança do Seringandô, uma

mistura de ritmos. Durante a dança, era escolhida uma moça da aldeia para ser a "índia vaqueira" e um jovem para ser o "boi". Todos da aldeia reuniam-se em um círculo para dançar e cantar. Havia um ancião que improvisava versos, enquanto todos repetiam em coro: “Arriba Seringandô!”.

No meio da roda, a vaqueira tentava “laçar” o boi, que ficava correndo, tentando escapar. Depois de um tempo de dança, o "boi" cansa e cai no chão, simbolizando a vitória da aldeia. Hoje, a dança faz parte das festividades anuais da comunidade.

Festival de Nazaré

As narrativas presentes na comunidade de Nazaré e a formação de um “contradiscurso” como modo de resistência simbólica, permite a produção de uma identidade ribeirinha que não se submete aos padrões urbanos e coloniais. O sentimento de resistência não é sublimado ou silencioso em nenhum sentido, é reconhecido e ressaltado pela própria comunidade que este ano realizará o Festival de Nazaré, manifestação cultural reconhecida como patrimônio imaterial do estado, com o tema “Resistência”.

O Festival movimenta não apenas a economia da comunidade, mas da própria região, e fomenta o turismo, uma indústria que sofre no estado e na capital rondoniense por falta de reconhecimento da população local e que atualmente é uma luta travada por historiadores, arqueólogos e pelo poder público da região. Nesse sentido, o festival tem um papel fundamental no contexto social e histórico de todo um estado.

Para além da movimentação trazida pelo festival, Nazaré se coloca no centro da região apresentando a sua comunidade, cultura e tradições através da música, dança, comidas e práticas, não apenas buscando fortalecer seu vínculo com toda a comunidade rondoniense, mas difundindo e fortalecendo ainda mais a sua identidade e conexão enquanto comunidade ribeirinha.

Mulheres de Nazaré

As mulheres de Nazaré ocupam um papel central nesse processo identitário. Como mostra Sousa (2023), são elas as principais responsáveis pela manutenção do cotidiano e da cultura local. Suas práticas, como a produção da farinha, o cuidado com

os filhos e a organização de festas, são expressões do que DaMatta (2000) define como “zonas indeterminadas” onde o social se expressa com força. Essas mulheres produzem e reproduzem uma lógica de vida que escapa à racionalidade econômica moderna, pautada na reciprocidade, solidariedade e conexão profunda com a comunidade.

Esse modo de vida é profundamente entrelaçado ao Rio Madeira. O rio, mais do que recurso hídrico, é símbolo e veículo de afetividade, espiritualidade e identidade. Como mostra Sousa e Santos (2018), o rio estrutura a sociabilidade feminina, sendo parte da existência cotidiana e da organização simbólica do espaço vivido. A água do rio que lava, alimenta e transporta é também a que conta histórias e transmite valores.

A comunidade de Nazaré tem nas mulheres o eixo silencioso e poderoso da vida social. Como observa Sousa e Santos (2018), “o Rio Madeira estrutura a sociabilidade cotidiana e o modo de vida das mulheres”. Ao mesmo tempo em que esse espaço de encontros e pertencimento é fortalecido por essas mulheres que mantêm a comunidade, é preciso pensar na ambiguidade dessas relações que confluem com as da sociedade, onde mulheres continuam sendo marcadas por lógicas de trabalho que as subestimam.

Conforme observa Sousa (2023), a comunidade de Nazaré, as funções exercidas por homens e mulheres estruturam-se mediante concepções culturais que organizam a espacialidade e as relações locais. A identidade ribeirinha de Nazaré é construída e sustentada por mãos que cuidam, cozinham, costuram, plantam e criam.

As famílias de Nazaré mantêm laços profundos com a terra e o rio. Segundo Sousa (2023), “o espaço ribeirinho amazônico se configura mediante a apropriação dos elementos naturais que o compõem, o rio e a floresta, estando estes intimamente relacionados às práticas culturais”. Essas práticas são transmitidas entre gerações por costumes e oralidade.

Nesse sentido, ao observarmos a dinâmica da comunidade e suas relações, para além da história e das tradições visíveis, uma das questões centrais que se impõem é a de gênero. Isso se dá pela percepção da forte presença e atuação feminina na organização da vida comunitária. Embora as mulheres estejam no centro das práticas que sustentam a vida social, econômica e cultural, torna-se necessário refletir se, ao mesmo tempo, essas mesmas mulheres não ocupam uma posição de marginalidade dentro de uma comunidade que, por sua vez, já se encontra em condição de marginalização social e histórica. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender de

que forma a presença constante e ativa dessas mulheres na dinâmica comunitária é percebida e reconhecida pelos próprios moradores de Nazaré.

Grupo Minhas Raízes

A música, como observa Adorno (2017), pode ser tanto instrumento de alienação como de resistência. No caso do Grupo Minhas Raízes, as canções cumprem função pedagógica e identitária. Para além da expressão, revelam práticas coletivas e modos de vida e de relação com a natureza.

Liderado por Tim Maia, filho de Maciel Nunes, um dos fundadores da comunidade de Nazaré, o Grupo Minhas Raízes é uma das expressões mais vivas de identidade. Formado em 2005, inicialmente como coral, tornou-se um grupo musical composto por cerca de nove membros, entre eles homens e mulheres da comunidade (Figura 1).

Figura 1 - Apresentação do Grupo Minhas Raízes no Festival dos Povos da Floresta



Fonte: acervo do projeto FotoDoc (2025).

Ele traz em seu repertório composições que valorizam a cultura ribeirinha e exaltam a beleza da região, o que evidencia a forte presença da oralidade, com músicas que remontam histórias e lendas da comunidade, além de momentos da região a cada nota e letra cantada. É possível perceber, ainda, a presença de diversos instrumentos originais que remetem aos sons da região. Esses instrumentos são fabricados pelos próprios integrantes do grupo com insumos retirados da natureza (Figura 2).

Figura 2 - Detalhe dos instrumentos do Grupo Minhas Raízes (xequerê e reco-reco à esquerda, marimba amazônica à direita)



Fonte: acervo do projeto FotoDoc (2025).

O Grupo Minhas Raízes expressa elementos da cultura ribeirinha em seus versos, como se pode perceber em “Tem pirão, tucupi, suco de caju, vinho de açaí, jaraqui na brasa e também jabuti. Menino, vem cá, tomar patauí com farinha d’água, comer piquiá. Vem logo pra cá provar dos temperos do nosso lugar” (Saga Beradeira, 2010).

O grupo busca participar de eventos na região com o objetivo de apresentar a comunidade para mais pessoas. Norberto (2020) aponta que “o ‘Grupo Minhas Raízes’ é catalisador de uma mudança de postura de empoderamento da comunidade”, ao disseminar os mitos locais buscando a descolonização simbólica por meio da arte.

Os instrumentos utilizados pelo Grupo Minhas Raízes, como idiofones (instrumento que produz som por vibração do próprio corpo, sem necessidade de cordas ou colunas de ar), de raspagem, de movimento e de percussão direta são construídos a partir de cabaças secas e estruturas de madeira e compõem uma sonoridade que ilustra a identidade e suas múltiplas camadas de significado. Mais do que instrumentos musicais, refletem a relação direta da comunidade com a natureza e os costumes amazônicos. Partem de um processo de cuidado e respeito com a natureza, quintal de suas casas, desviando de processos de extração mercadológica.

A construção de cada um desses instrumentos é também uma narrativa material e simbólica que carrega a memória e a luta coletiva dessa comunidade na permanência e no reconhecimento da sua cultura. O próprio fazer musical do Grupo Minhas Raízes é a

extensão da vida ribeirinha que tenta, hoje, alcançar toda uma região, para além dos rios que cercam a comunidade de Nazaré.

Considerações Finais

A experiência com Nazaré aponta para um horizonte metodológico e ético que valoriza a comunidade e suas práticas enquanto conhecimento e fortalecimento de toda uma região. As narrativas orais, as práticas culturais e as estéticas da resistência são centrais na produção de uma história mais sensível e comprometida com as pessoas comuns. Documentar essas realidades é também intervir e buscar maiores espaços de reconhecimento.

Destaca-se, inclusive, a característica da extensão devolutiva do saber à comunidade. Esta é uma das preocupações externadas pelos indivíduos contactados até o momento: é comum que a Universidade extraia das comunidades seus saberes e histórias e não devolva aquele conhecimento em prol do desenvolvimento da comunidade. Na fotodocumentação que iniciamos, a premissa de participação e de retorno do material às comunidades é fundamental.

A proposta de retorno à comunidade ocorrerá por meio de exposições fotográficas e oficinas. Como destaca Vrech (2017), práticas artísticas de base comunitária promovem a autonomia simbólica e fortalecem o sentimento de pertencimento. Nesse sentido, a documentação fotográfica se torna, então, espelho e janela: permite que os moradores se vejam e se mostrem ao mundo a partir de sua própria ótica.

Para além do objetivo de fortalecimento da identidade local, busca-se também incentivar outras iniciativas de documentação participativa em contextos amazônicos e ribeirinhos. Identidade, memória, presente e futuro se cruzam no acervo que ora iniciamos.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Introdução à sociologia da música**. São Paulo: Unesp, 2017.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. **Galáxia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 149–164, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p149-164>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. ed. 11. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MINHAS RAÍZES. Sabores da Terra. In: **Saga Beradeira**. Porto Velho: Minhas Raízes, 2010. 1 faixa. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4syrLjb5B2tTTfFbMq9oM6?si=0cnetps1ThGh4L7mRP64Xw>.

NAPRA. **Nazaré**. Disponível em: <https://napra.org.br/territorios-de-atuacao/rondonia/nazare/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NORBERTO, Simone. **Mito e identidade em Nazaré – RO**: uma leitura pós-colonial das manifestações culturais de uma comunidade ribeirinha. Porto Velho: Temática Editora, 2020.

SOUSA E SANTOS, R. E. M. “É a água do rio que a gente usa pra tudo”: as mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré-RO. In: **A Produção do Conhecimento Geográfico 3**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2018.

SOUSA, R. E. M. Identidade: o que nos diferencia e o que nos une enquanto grupo. **Revista Tocantinense de Geografia**, [S. l.], 2023.

VRECH, R. Saga Beradeira: teatro e memória ribeirinha. **Revista Aluá**, [S. l.], 2017.